

21/2/94

RNM denuncia esconderijo de armas e munições em Guiua (Inhambane)

O tenente-general Mateus Ngonhamo da Renamo, denunciou a descoberta de um esconderijo com armas e munições alegadamente pertencente ao Governo moçambicano em Guiua, distrito de Jangamo, Província de Inhambane.

Este chefe militar da Renamo, que é também um dos dois comandantes superiores do novo Exército Único, disse que as Nações Unidas estão a par da descoberta, uma vez que fo-

ram elas que desenterraram o material de guerra e tomaram conta dele.

Segundo Ngonhamo, o arsenal era composto por 134 armas, entre as quais 129 espingardas AK-47, três lança-'rockets' RPG e 44 caixas de munições para AK-47, cada uma com 440 balas.

O dirigente da Renamo queixou-se de que várias denúncias sobre esconderijos de armas e treino secreto de efectivos, feitas

recentemente pelo seu movimento, não estão a ser publicadas devidamente pelos observadores das Nações Unidas.

Ngonhamo contou que a descoberta do esconderijo de armas em Guiua se deveu a denúncia de presos civis que se encontravam num quartel na localidade, a quem os soldados do Governo ordenaram que abrissem uma cova num terreno de uma missão e a deixassem aberta.

«Passados alguns dias, os mesmos reclusos passaram por lá e viram que aquela cova estava fechada», disse. Pensando que poderiam aí ter sido sepultadas pessoas, informaram a um padre da Missão.

Este, cujo nome Ngonhamo não revelou, fez diligências junto da Polícia, «que não quis dar ouvidos», e dos soldados governamentais, que disseram estar ali um ladrão abatido ao tentar fugir.

Não tendo ficado satisfeito, o padre resolveu então informar o bispo de Inhambane, que acabou por dar conta do caso aos soldados do batalhão uruguaio da Força de «capacetes azuis» da Onumuz estacionado naquela província.

«Os homens das Nações Unidas foram para lá, desactivaram as minas que estavam à volta da cova e apanharam o material», disse.

Ngonhamo indicou que um capitão do batalhão contactado de nome Chapman tomou conta do material de guerra.

«Nós esperávamos ouvir as Nações Unidas pronunciarem-se sobre isso, mas nada foi dito, o que preocupa muito» — declarou o tenente-general.

«As Nações Unidas ainda não fizeram um comunicado oficial» sobre a denúncia feita pela Renamo de um esconderijo de armas na região da cidade da Beira, Província de Sofala, lamentou-se Ngonhamo.

O militar da Renamo acusou a Onumuz de neste último caso ter levado tanto tempo a deslocar-se ao local da descoberta que as forças governamentais tiveram tempo de retirar o armamento do local, levando-o para parte incerta.

O silêncio das Nações Unidas «preocupa muito» a Renamo, «porque isso contribui para um conflito generalizado», disse Ngonhamo.

«As Nações Unidas, como observadores deste processo, é para apagarem o fogo e manterem a paz», declarou. «Digo categoricamente que as Nações Unidas não conseguem elaborar um comunicado a condenarem a Frelimo. Desde que chegaram não fizeram isto».

«Se as Nações Unidas continuarem a trabalhar desta forma, qualquer imprevisto que apareça, o rebenentamento da guerra, os responsáveis são as Nações Unidas na pessoa do senhor Dr. Ajello, como representante do secretário-geral das Nações Unidas», frisou Ngonhamo.